

# Jornal de Melgaço

Proprietario, Administrador  
e Editor

Duarte Augusto de Magalhães

ORGÃO DOS INTERESSES LOCAES

Redacção, Administração  
e Typographia  
Largo da Feira Nova

## A DERROCADA

Os ultimos acontecimentos financeiros estão dando a medida da capacidade do actual ministerio e, o que é peor, é que, com uma administração de tal ordem, cada vez mais se afunda o nosso credito e mais prezariat é a situação do thesouro.

Na duvida e na indecisão estamos vivendo actualmente; o governo gasta, esbanja, hypoteca, vende, pede emprestado e ninguem sabe ao certo em que condições o faz e com que principios e necessidades o pratica. O dinheiro apparece para os compromissos mais instantes, e satisfazem-se os desejos dos amigos, vida de expedientes que tem sido a existencia perniciosa de quasi todos os governos que se tecem succedendo na governação do paiz.

As ultimas operações financeiras, que alguém pôde a custo esclarecer, trouxeram já para o thesouro encargos quasi avaliados em 600 contos de reis, e, para isso, venderam-se as propriedades de Portugal, com a expressão de não se poder fazer nova emissão; venderam-se inscrições na importância de 2:000 contos e praticaram-se outras tramoiás que ainda andam envolvidas em um profundo mysterio e que só se desvendarão no parlamento, segundo as declarações do governo.

A poucos dias, annunciava-se o desenlace da celebre indemnisação do caminho de ferro de Lourenço Marques, e o governo vê-se embarcado, não tendo já que empenhar nem que vender e que possa dar-lhe o necessario para se livrar d'esse importante compromisso que vem desde longa data perturbando o doce viver das governações do nosso paiz.

Dizem já alguns jornaes, não sabemos com que fundamento, mas facil será de o saber atentas as disposições do ministerio, que o sr. ministro da fazenda pensa em vender as linhas ferreas do Minho e Douro.

Se é esta a sua marcha administrativa, tão contrariamente expendida no seu já celeberrimo livro de finanças que ninguem leu, mas que todos agora estudam para a historia da sua vida politica, mal vai para o paiz e para sua ex.ª em quem haviamos confiado um pouco.

E', como se vê, desgraçada a situação do thesouro e do governo; mas o que é triste é que enquanto um definha, infelizmente, outro cae na indiferença do paiz, deixando que as cousas corram á mercê do acaso, sem que no horisonte da nossa existencia politica se veja um pequeno raio de esperanza, ou no espirito popular se inflame a comprehensão do seu mais caro e legitimo dever. O que se está vendo é a con-

tinuação da nossa ruina e termo da grande derrocada que hade levar na sua tremenda destruição todo um passado de glorias e de conquistas, diz muito bem a «Vida Nova».

## Secção litteraria

### O collar de Zinah

TRADUÇÃO PARA O  
"JORNAL DE MELGAÇO,"

O grande muro do palacio dos governadores de Alger, do lado do mar, tinha um aspecto horrroso. Parecia vermelho de cor de sangue secco, e viam-se ali, de espaço em espaço, chumbados n'elle, enormes varões de ferro de pontas muito agudas voltadas para cima, como que á espera d'alguma presa.

Era o muro dos christãos!... Entre os escravos christãos de Bab-el-Arouch (Barba russa) encontrava-se Don Blasco de Ruy-Mayer, joven cavalleiro de vinte e dois annos, preso a bordo d'uma galera real por piratas d'Alger.

Bab-el-Arouch impressionou-se pela nobre figura do cavalleiro hespanhol, e concebeu o desejo de o fazer um dos seus guardas.

Não lhe impoz nenhum dos trabalhos de calceta reservado aos prisioneiros christãos. Fez-lhe dar um quarto no palacio, e, sem ferros nas mãos nem nos pés, reservou-lhe o trabalho de o seguir a cavallo quando elle ia á caça.

Alem d'isto, Don Blasco foi encarregado de cuidar das rosas e dos jasmims do jardim privado do palacio, com os quaes as mulheres do harem se enfeitavam depois do banho.

Como cantava bem e sabia tocar guitarra, deram-lhe um destes instrumentos.

Muitas vezes o governador, ao saborear uma chavena de café, mandava-o cantar e tocar na sua presença.

Don Blasco recusava-se, com indignação, mas afinal cedia! Um hespanhol cantar ante um musulmano!

Onde estava a sua energia e o seu orgulho? De guerreiro tinha-se baixado a divertir os outros?

Não! Don Blasco tinha a raiva n'alma, ao cantar, mas ao mesmo tempo uma grande emoção no coração.

Não era por Bab-el-Arouch que elle cantava, era por Zinah!...

...Um dia em que elle cuidava dos seus jasmims e das suas rosas, uma velha desdentada, mais bruxa que mulher, foi procural-o. Era ella quem assistia ao banho das mulheres

do governador e quem ia colher as flores para a sua toilette.

—Zinah—disse ella a Blasco—tem-te visto algumas vezes pensativo e a chorar quando andas a cuidar das flores... Zinah tem compaixão da tua dôr... ella tem tambem ouvido o gemido da tua guitarra e a tua canção triste!... mas estava muito longe... ella ouvia mal... tu tens recusado cantar na presença do governador; canta... canta que Zinah poderá ouvir-te.

—Para que?

—Ella comprehende as tuas palavras.

—Será ella hespanhola?

—Não... ella é filha de Kabyllie... mas a sua ama, uma escrava christã, sabia a tua lingua e ensinou-lh'a.

Don Blasco reflectiu, receiando alguma cilada.

—Eu queria ver Zinah antes de cantar, disse elle.

—Oh! isso é impossivel... tu sabes que aqui não se pôde ver as mulheres... que ellas não se podem deixar ver... isso é uma vergonha para ellas.

—Mais vergonha é o eu descer da minha dignidade a cantar em presença do governador... refere-lhe estas palavras.

No dia seguinte a velha appareceu-lhe.

—Passa, visto que tu és livre, pela floresta das Oliveiras onde se encontra o tumulo de santo Marabuto... Tu verás Zinah.

—Como a reconhecerei... pois que todas as musulmanas trazem o rosto escondido em veos?

—A um signal que tu mesmo lhe indicarás.

Don Blasco corta uma flôr.

—Aqui tens—disse elle á velha—é uma rosa amarella, cor da bandeira do meu paiz... E' a unica que pude fazer desabrochar... E' a mais querida que eu tinha aqui... Da-a a Zinah... com esta flôr reconhecei-a-hei.

Pela tarde, á hora em que as mulheres voltavam de comer gulodices e de tagarellar sobre os tumulos sagrados, D. Blasco, fingindo cortar galhos para amparar as asteas das roseiras novas, encontrava-se na floresta das Oliveiras.

As mulheres do harem passavam em frente d'elle. Iam todas occultas com os seus veos que lhes não deixavam ver o rosto. Um grupo de guardas do harem, armados de grandes cutelos, escoltava-as.

Os seus lindos olhos pareciam mais negros, mais brilhantes, com uma chama de caricia, e dirigiram-se para o joven escravo christão que fazia brotar as flores e que cantava tão tristes romances!

D. Blasco procurava Zinah. Ella era a ultima do grupo. Debaixo do seu barrete vermelho, bordado d'ouro, retido por um grande alfinete de prata

adornado de pedras finas, a roso amarella estendia-se com toda a sua belleza.

O coração do joven hespanhol tremia.

Zinah aproximou-se, sem trocar o seu andar um pouco arrastado, proprio das mulheres arabes, e olhou-o.

Os olhos, unica cousa que elle podia ver d'ella, eram azues, d'aquelle azul que tem as mulheres do Norte, as francezas.

Os olhos de Zinah pareciam-lhe um canto do ceo, um penhor de liberdade... Elle leu n'elles um poema de compaixão, de ternura e ficou em extase como em frente da aparição d'uma santa.

Que leo, no olhar d'aquella mulher? Queria elle talvez saber o mysterio que escondia a sua vestimenta, saber quem era, conhecê-la emfim?

Passando perto d'elle, com um movimento encantador, levanta um braço e entre-abrindo o seu veu de seda branca, mostra-se ao joven escravo christão que fazia brotar as roseiras e cantava tão tristes romances.

Pôde, então, ver o seu rosto adoravel e o encanto dos seus olhares azues.

Sómente ella não tinha no pescoço o collar de moedas d'ouro.

Zinah fecha ligeiramente o veu e passa tal qual uma visão de deliciosa poesia. Don Blasco pareceu-lhe ouvir no meio do riso das outras mulheres uma voz fraca, como um canto de passarinho, dizendo, debaixo das oliveiras sagradas, uma das canções amorosas de Hespanha.

A' tarde, Don Blasco cantava em presença do governador.

Um movimento de cortinado lhe annunciava que Zinah o escutava!...

...Desde então, o captiveiro parecia um paraíso ao prisioneiro.

Continua.

## CARTA DE MONSÃO

E' na verdade bem extraordinario e curioso este momento physico da sociedade monsanense, e para qualquer especialista deve elle certamente offerecer assumpto para largos estudos e profundas meditações.

Os acontecimentos politicos, sobretudo, são por tal forma assombrosos e succedem-se tão vertiginosamente, que não ha tempo nem para de leve os fixar. Parecem quadros dissolventes, que ora apresentam um aspecto sombrio e terrivel, ora mostram uma feição alegre e divertida, ora descambam para o burlesco e ridiculo; de sorte que a nossa penna umas vezes tem de correr indignada e atrabillaria, outras geme bunda e

triste, e por vezes tambem jocosa e caustica.

As ultimas scenas da politica local parecem verdadeiras scenas de magia com os seus alcapões mysteriosos, as suas feiticieras, e os seus jardins encantados. Faz-nos lembrar o conto da caróchinha que tantas vezes ouvimos, com sombrio espanto, nos felizes tempos da nossa infancia—os lamentos da caróchinha e os seus infortunios por causa do *Conselheiro Ratão*, eil-os ahi.

O gabinete do administrador do concelho ora abre, ora se conserva fechado ás semanas; este funcionario ora pede a demissão, declarando que *perderá o tempo e empregará baldados esforços quem pertender demovel-o d'esse proposito*, tal qual como quando *abandonou a politica activa*, em 13 de dezembro de 1889, ora torna a ficar agarrado ao *biberón* da administração; os campos despoam-se; a agua do chafariz da praça de Deu-la-Deu ameaça seccar; as arvores desfolham-se; a futura vereação da camara ora se mostra envergonhada com os comentarios que o publico lhe faz, ora pensa nas gulodices para o jantar da posse em que apparecerão conselheiros feitos em pastilhas de chocolate e *Amarellitos* feitos de graxa do dito; os negocios da administração correm á bambalhona; a carestia do milho augmenta; a fome aperta; os perdigões depenam-se; a vergonha foge espavorida; e no meio de todo este alarme e confusão a patrulha progressista fecha os seus olhinhos; os arroios saltam bramidos; os do concilio d'advogados d'agua chilra—nome com que o *Medias* acaba de baptisar o estabelecimento do sr. Ramos—, por sobre boninas e malmequeres, entõem hymnos guerreiros e promettem cortar o negro da noute com milhares de foguetes á sabida do homem que comanda a secção fiscal e se lhes tornou um verdadeiro diabo! E a opposição toma chá e torradinhas em familia e commenta todas estas scenas magicas e pergunta porque rasão o sr. conselheiro Sebastião Dias, que ainda no dia 24 foi visto *flanar*, com toda a sua auctoridade, no sorteio dos mancebos, já no dia 25 estava reduzido a um simples mortal! Um verdadeiro pandemio, emfim, em que ninguem se entende, em que todos estão fóra do seu lugar, por obra e graça d'umas cabeças desvalradas a quem estão entregues os destinos d'este concelho; obra, que se fosse posta em verso heroico, daria um poema bem mais grandioso que o de Camões. Para cantar as armas e os varões d'esta epocha não chegaria talvez o estro de immortal cantor!

Assim vamos, e continuarse-ha em quanto o ridiculo e a vergonha não collocarem fóra

